

Um ano difícil para a dívida mundial

O economista-chefe e vice-presidente do Banco Mundial (BIRD), Stanley Fischer, não está acreditando que 1989 será um "feliz ano novo" na solução da crise da dívida no mundo, que fecha 88 ao nível de 1,3 trilhão de dólares — 3% a mais do que em 87.

"O Brasil, provavelmente, terá que renegociar o acordo da dívida", prevê Fischer, antecipando problemas.

O acordo do Brasil para 88-89, que representou US\$ 5,2 bilhões dos US\$ 7,5 bilhões em dinheiro novo concedido pelos bancos comerciais aos países endividados, já começou a enfrentar seus primeiros problemas, bloqueado por um impasse. O desembolso de uma parcela de US\$ 600 milhões, no começo de dezembro, foi suspenso até que o Banco Mundial aprove um empréstimo para o setor elétrico brasileiro, no valor US\$ 500 milhões, ao qual ficou condicionado, dentro de um esquema de cofinanciamento. Dele também depende um financiamento japonês de US\$ 450 milhões. O empréstimo do Banco Mundial já ia ser aprovado ao final de dois anos de negociações. Não fosse a Eletrobrás incorporar a Nuclebrás, reabrido uma discussão sobre a viabilidade de Angra 3.

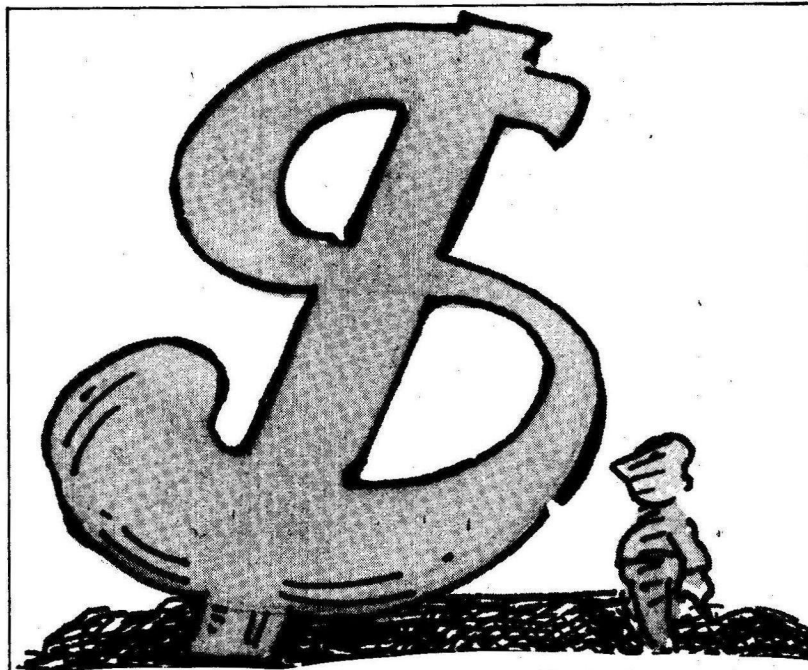
O balanço da dívida no mundo, divulgado hoje pelo Banco Mundial, constata que uma solução para a crise pode surgir de uma reformulação do consenso de que os países em desenvolvimento devem procurar ajustar-se com crescimento, apoiados por financiamentos externos adequados.

"A ameaça ao sistema bancário internacional foi reduzida", segundo análise do World Debt Tables do Banco Mundial. "Algum progresso foi feito pelos países devedores na reforma e reestruturação de suas economias. Mas a maioria deles não está melhor do que estava em 1982, quando explicou a crise da dívida."

A primeira estimativa de crescimento em 1988 gira em torno de 2% para os 17 países mais endividados do Terceiro Mundo — Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Costa do Marfim, Equador, Jamaica, México, Marrocos, Nigéria, Peru, Filipinas, Uruguai, Venezuela e Iugoslávia. Na maioria deles, a renda **per capita** é menor hoje do que os níveis da última década. O investimento alcançou apenas dois terços do nível médio dos anos 70. A transferência líquida de recursos para os credores, entre 1985-87, foi de US\$ 74 bilhões, equivalente a cerca de 3% do produto interno bruto geral.

Estratégia

"A enorme incerteza" quanto a uma solução para a crise da dívida pode ser medida no mercado secundário, onde cada dólar dos países mais endividados está valendo 50 centavos. Faltam investi-



Recomendações do Bird

- Os bancos comerciais podem tirar vantagem das provisões contra perdas feitas em 1988 e repartir o desconto do mercado — que atualmente é de 58% no caso brasileiro — com os países devedores que se revelarem firmemente decididos a buscar um ajustamento;

- As autoridades fiscais e regulatórias nos principais países industrializados deveriam contribuir mais para o uso eficiente de mecanismos de redução voluntária da dívida;

- Os governos dos países industrializados devem reduzir seus regimes comerciais tendenciosos contra a importação de

produtos dos países em desenvolvimento;

- Os países devedores devem demonstrar um compromisso duradouro com a realização de reformas domésticas;

- Credores oficiais e agências multilaterais de crédito devem aumentar sua assistência na elaboração, financiamento e vigilância de programas de ajustamento. Quando apropriado e útil, os credores poderiam oferecer uma ampliação seletiva de créditos, como, por exemplo, na forma de garantias ou adoção de medidas para catalizar empréstimos de fontes comerciais.

mentos apoio dos credores comerciais e ajustamentos sustentados, segundo o diagnóstico do Bird.

A estratégia recomendada pelo Banco Mundial para 1989 inclui a redução voluntária do volume da dívida, a execução de programas de ajustamento, o fortalecimento da função catalisadora das instituições financeiras internacionais e a introdução de reformas tributárias e regulatórias nos países industriais.

O pacote brasileiro assinado em setembro foi o grande acontecimento "encorajador" de 1988. Ele não só reduziu a tensão de um confronto com os credores como abriu o caminho para esquemas inovadores e criativos para o tratamento da dívida. O abatimento da taxa de juros dará ao Brasil uma poupança de US\$ 3 bilhões nos próximos cinco anos. A conversão da dívida em investimento reduzirá o estoque da dívida em US\$ 1,8 bilhão num período de três anos. O pacote também inclui US\$ 5 bilhões em **exit bond** (títulos de 25 anos com dez de carência e juros de 6% ao ano), com os quais dezenas de pequenos bancos se retiram do cartel de credores brasileiros. Os juros passaram a ser pagos a cada seis meses, e não mais tri-

mestralmente, o que produzirá uma economia de US\$ 135 milhões em 20 anos.

Outros acontecimentos importantes do ano, no balanço do Bird, foram a introdução de medidas de austeridade no Peru, em setembro, e o pagamento de juros atrasados pela Argentina, que retomou as negociações com o FMI e os bancos comerciais para um programa de ajustamento.

Os votos para o ano que vem do Banco Mundial, como explicados pelo seu vice-presidente Stanley Fischer, são os de que os bancos comerciais concedam novos empréstimos com mais redução da dívida.

Fischer não se mostrou muito otimista em relação à criação de uma agência internacional para a dívida, em estudo no Departamento do Tesouro norte-americano e sugerida pelo presidente soviético, Mikhaíl Gorbachóv, em seu recente discurso na ONU. E isso porque ela envolve custos substanciais para os governos dos países industriais e sua capitalização inicial poderia requerer uma grande injeção de fundos públicos.

**Moisés Rabinovici,
de Washington.**

Era um contrato bilionário. Mas fracassou.

As negociações entre o governo brasileiro e o Iraque para a venda de 100 mil carros e peças de reposição para uma frota de 160 mil

veículos fracassaram, segundo informações de fontes diplomáticas em Bagdá. As conversações estavam sendo conduzidas pelo ministro Roberto

Cardoso Alves, da Indústria e do Comércio, e o contrato deveria atingir US\$ 1 bilhão. Discordâncias nos preços dos carros, que seriam

vendidos pela Volkswagen, determinaram o insucesso das negociações. Em 83 foi fechado o maior contrato: o Iraque importou 50 mil Passats.